

# APRESENTAÇÃO

Ana Falkembach Simão

A *Século XXI: Revista de Relações Internacionais* chega ao seu segundo número com a certeza de que terá um longo caminho futuro a trilhar. A acolhida calorosa que a primeira edição da Revista teve por parte dos colegas, professores e pesquisadores, além de alunos e instituições relacionadas ao campo das Relações Internacionais superou as mais otimistas expectativas e mostrou que o projeto desenvolvido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Relações Internacionais da ESPM –Sul encontrou seu tempo e sua função ideal. É com grande satisfação que a *Século XXI* se coloca efetivamente como um espaço aberto ao intercâmbio e disseminação de pesquisas, debates, idéias e reflexões que pretendem colaborar para o desenvolvimento do campo de estudos de nossa área, num momento em que as Relações Internacionais ganham notável relevância no país e no mundo globalizado.

A recepção da revista nos deu a certeza de seu papel nesta caminhada e ensejou mudanças nos planos iniciais do Projeto. A *Século XXI* já a partir deste ano terá duas edições anuais impressas e contará com edições online para facilitar o acesso de pesquisadores e profissionais interessados em seu conteúdo. Ainda que esse não seja o espaço tradicional para este tipo de manifestação, a Revista e seus colaboradores querem agradecer profundamente à comunidade acadêmica pelo estímulo e carinho em relação ao trabalho realizado. Isso só aumenta o nosso compromisso de oferecer um veículo que tenha como norte a qualidade, seriedade e pluralidade de visões sobre os temas cruciais para o universo das Relações Internacionais, não apenas no Brasil e América latina, como no próprio mundo, cada vez mais marcado por aquela “compressão do tempo-espaço” de que falava David Harvey em sua análise sobre a pós-modernidade.

Assim, antes de apresentar este segundo número, centrado no tema “Negócios Internacionais” restaria deixar nosso agradecimento ao Conselho Editorial da Revista que, com sua qualificação excepcional, sem dúvida nenhuma chancelou o sucesso deste projeto. A segunda edição da *Século XXI* volta sua atenção para os negócios que permeiam as relações entre países, governos e empresas no

mundo contemporâneo. No artigo “**A terceira margem do Prata: descontinuidades e travessias na topografia da exclusão na integração do Cone Sul**”, Diego Santos Vieira de Jesus examina os desafios que uma identidade mercosulina ainda enfrenta, com foco na “permanência de estruturas logocêntricas e de formas dicotômicas de pensar que marcam a linguagem e o pensamento dos parceiros”, envolvidos no processo de integração do Mercosul nas últimas duas décadas. O autor sustenta a tese de que, ainda que haja espaço para o compartilhamento de alguns valores comuns entre os membros do Mercosul e para a mediação com a diferença, “continuam operando na relação entre os participantes do bloco aparatos de exclusão em circunstâncias espaço-temporalmente específicas, funcionando como um obstáculo crucial ao desenvolvimento de uma identidade” que reconheça efetivamente a riqueza da diferença entre os membros”. Mais do que isso, Diego Santos chama a atenção para a “atualização e o reforço de visões depreciativas do Outro em críticas às tentativas de legitimação discursivamente estruturada do poder por parte dos mais fortes”.

Em “**Transnational corporations as financial groups**”, uma versão revisada de um trabalho apresentado por Claude Serfati na Conferencia da *European Association for Evolutionary Political Economy*, o autor reexamina a natureza das grandes corporações transnacionais. Sob o cenário das crises econômicas mundiais e da evidência do que o autor denomina como “as fortes (e devastadoras) inter-relações entre produção e finanças”, Serfati propõe uma análise capaz de refletir acerca das grandes corporações à luz de questões correlatas como a reformulação do comércio internacional e da produção, a estreita interação entre as empresas transnacionais não-financeiras e financeiras transnacionais, o desenvolvimento de redes globais e a força das relações estabelecidas entre estas empresas e os “seus” governos. Tendo como foco as empresas transnacionais não-financeiras, o autor defende que as mesmas não podem ser definidas apenas pelo fato de que são maiores e mais internacionalizadas do que outras empresas, constituindo uma “categoria própria, baseada em uma centralização dos ativos financeiros e uma estrutura organizacional específica (com o papel central na posse da sociedade gestora de participações)”. Claude Serfati, pesquisador ligado ao *Centre for the Study of Globalisation, Conflicts, Territories and Vulnerabilities* sugere existir, portanto, um novo impulso para a transformação das empresas transnacionais que, no contexto de desregulamentação dos mercados financeiros e de multiplicação de inovações

financeiras em termos de produtos e instituições, poderiam ser definidas como grupos financeiros com atividades industriais.

Já no artigo intitulado **“As negociações para o estabelecimento de um Acordo de Associação entre a União Europeia e o Mercosul e as percepções do empresariado”**, Rosana Tomazini analisa as percepções e participação ativa da classe empresarial – sobretudo brasileira - nas negociações para o Acordo de Associação entre os dois blocos, durante os anos de 2001 a 2004, momento que, segundo a autora, pode ser considerado o seu período áureo. De fato, mesmo depois de uma década de negociações para o Acordo de Associação, que prevê o estabelecimento de uma área de livre comércio entre União Europeia e Mercosul, o mesmo não foi concluído. Rosana Tomazini mostra que o resultado frustrante em relação ao projeto pode ser explicado por múltiplos fatores. O próprio papel que o empresariado desempenhou nas negociações para o estabelecimento de um Acordo de Associação entre União Europeia e Mercosul não foi uniforme, “nem do ponto de vista dos blocos econômicos em questão, nem do ponto de vista dos seus Estados-membros”. Se no que diz respeito ao Mercosul, observou-se a ativa participação dos empresários brasileiros, considerados como os mais organizados e interessados no Acordo, no que se refere à União Europeia, a classe empresarial mostrou-se mais mobilizada para outros fóruns de negociação, como a OMC, “ou com outros parceiros comerciais, como os novos Estados-membros da UE ou a China, do que para as negociações com o Mercosul”. Assim, teria faltado para o sucesso do Acordo uma mobilização específica do empresariado europeu no acompanhamento das negociações entre a UE e o Mercosul, em que pese os esforços empreendidos no âmbito do Fórum Empresarial Mercosul - União Europeia (MEBF).

O próximo artigo é bastante interessante ao ser publicado, de forma irônica, no momento em que um possível calote por parte dos Estados Unidos é motivo de preocupação global. **“A crise da hegemonia americana e da globalização: mudança ou continuidade?”**, de Stefano José Caetano da Silveira tematiza acerca da crise da hegemonia americana e da globalização, abordando nada menos do que “a possibilidade da perda desta condição pelos Estados Unidos”. Em virtude do acirramento desta crise, o autor discute a hipótese de passagem do centro hegemônico mundial para a Ásia oriental, mais precisamente para China. Stefano José Caetano da Silveira observa “o fracasso do projeto neoconservador imperial norte-americano”, em que pese as tentativas da manutenção da condição hegemônica mundial por parte das duas últimas administrações da Casa Branca. O texto busca

definir qual seria a possibilidade mais provável de se consolidar diante do atual quadro: a manutenção hegemônica dos Estados Unidos ou, ao contrário, a ascensão da China à condição de novo centro hegemônico mundial. Voltando a atenção para o Brasil, o trabalho de Marco Cepik e Romulo Paes de Sousa intitulado **“A política externa brasileira e a cooperação internacional em saúde no começo do governo Lula”** inventaria as iniciativas de cooperação técnica internacional do Brasil na área de saúde. A partir das diretrizes de política externa do governo Lula estabelecidas em 2003, os autores avaliam a consistência entre as diretrizes gerais de política externa e “os desafios de implementação de políticas públicas setoriais em períodos de transição”. A transição analisada por Cepik e Paes de Souza – do governo Fernando Henrique Cardoso para o governo Lula (2002-2003) – mostrou “a grande diversidade e a complexidade das iniciativas na área de saúde, a importância das políticas setoriais para a consecução da agenda internacional do país e, por outro lado, a importância dos relacionamentos internacionais para a implementação das metas plurianuais de desenvolvimento na saúde”. Desta forma, os autores concluem que os ajustes entre os diferentes tipos e níveis das políticas públicas dependem de esforços institucionais específicos; ou seja, eles simplesmente não são produzidos “automática e espontaneamente durante as transições entre mandatos presidenciais em países democráticos”.

A segunda edição da *Século XXI* finaliza com duas resenhas acerca de obras de interesse para o campo das Relações Internacionais. O Diplomata Flavio Elias Riche apresenta o livro de Jean-Frédéric Schaub, **“L’Europe a-t-elle une histoire?”** (2008), uma espécie de “guia para a organização do debate sobre a integração europeia, de forma a evitar simplificações recorrentes não apenas no senso-comum, mas também nos meios jornalísticos e mesmo em setores acadêmicos”. Já Diego Pautasso salienta a pertinência da obra **“A linguagem do império”** (2010), na qual o filósofo Domenico Losurdo, discute o poder da ideologia e do discurso na imposição de práticas imperiais, realizando “uma crítica contundente dos discursos maniqueístas que se apresentam como universais mas que, na realidade, buscam legitimar a supremacia de determinadas estruturas de poder”, com destaque para questões acerca de Terrorismo, Fundamentalismo, Antiamericanismo, Antissemitismo, Antissionismo e Filoislamismo, além do Ódio contra o Ocidente. Resta, portanto, desejar aos leitores desta segunda edição da *Século XXI* uma boa leitura, lembrando que no início de 2012 estaremos retornando com um novo número, consolidando a publicação semestral de nossa Revista.